

«Cultura»

Por Rudesindo Soutelo (*)

“Quando se pronuncia a palavra «cultura», é grande a probabilidade de alguém empunhar um revólver, pronto a disparar!” diz Gilles Lipovetsky na introdução de *A cultura-mundo*¹. O nazismo eliminava os intelectuais e artistas por degenerados, o estalinismo por burgueses. As ditaduras de todo o espectro político coincidem em culpabilizar a cultura, e as democracias não ocultam a fadiga de lidar com uma cultura que pensa, reflete e critica o poder.

No século XVIII, Schiller escrevia como cidadão do mundo; a *Ode à Alegria* – mercê de ser utilizada por Beethoven no final da *Nona Sinfonia* – é desde 1985 o Hino da Europa. A cultura de Schiller, como a dos filósofos gregos e a das origens do cristianismo, era a universalidade do género humano; um ideal ético, partilhado por Beethoven, que recusava considerar os outros povos como inferiores. Situar o amor à humanidade acima do amor à origem sempre foi percebido como um perigo, uma alta traição às pátrias.

Lipovetsky diz também que a cultura era um sistema completo e coerente de explicação do mundo². Mas aque-

la utopia de ser ‘cidadãos do mundo’ e de “exaltar os valores da liberdade e da tolerância, do progresso e da democracia” foi dando passo ao mundo sem fronteiras do capitalismo cultural, o hipercapitalismo de consumo, onde a cultura se impõe como uma indústria, um complexo mediático-mercantil que proclama o “tudo é cultura” e elimina as fronteiras simbólicas da alta e baixa cultura, da ciência e superstição, empobrecendo a vida social e intelectual, e glorificando a barbarização da cultura³.

Consultada a palavra ‘cultura’ em dois prestigiosos dicionários da internet⁴, percebemos a origem agrária deste termo pois as primeiras definições referem-se ao cultivo da terra, lavoura e técnicas para obter produtos vegetais para consumo. Apenas em sexto lugar é que aparece a definição de cultura como conhecimento, saber, educação, estudo, valores sociais e aplicação do espírito. Cultura é, pois, um artifício, uma intervenção do intelecto humano na natureza, desenvolvendo formas de pensamento e conceitos filosóficos. Cultura é uma determinada organização e conceção humana da natureza e só em sentido metafórico é que podemos

falar de cultura, de música ou de arte na natureza. Claude Lévi-Strauss, em *La Pensée sauvage*, diz-nos que na sua forma pura, ‘selvagem’ ou mítica, a cultura é uma ordenação totalizadora do mundo⁵.

Então o que é que concita as iras do poder quando se menciona a palavra «cultura»? Já, na antiga Grécia, Platão expressou, na *República*, um temor que parece continuar vigente: “nunca se abalam os géneros musicais sem abalar as mais altas leis da cidade”⁶. A cultura dá argumentos aos indivíduos para questionar o poder mas nenhum ‘poderoso’ aceita de bom grado submeter a sua autoridade. O que irrita os “cretinos com poder”⁷ –expressão de Diego Armario que assim intitula o seu recente livro– é o prestígio da alta cultura, erudita e nobre, a ‘cultura culta’ do humanismo clássico, a cultura do mérito, da inteligência, a cultura que cria, inova e tem iniciativa⁸.

Não se pode pensar no ser humano carecendo de uma vontade de superação, de se ultrapassar, de transcender –o que Nietzsche denominou “vontade de poder”⁹. Mas essa identidade não se recebe nem se

compra; a cultura, o conhecimento, segundo Robert Stake, não se descobre, constrói-se¹⁰.

Apenas depois de conhecer a cultura é que ela pode ser apreciada¹¹.

(*) *Compositor e Mestre em Educação Artística.*

© 2010 by Rudesindo Soutelo

(<http://www.soutelo.eu>)

(Vila Praia de Âncora: 11-XI-2010)

¹ Lipovetsky, G., & Serroy, J. (2010). *A cultura-mundo (Resposta a uma sociedade desorientada)*. (V. Silva, Trad.) Lisboa: Edições 70, p. 11.

² *Ibid.*, p. 12.

³ *Ibid.*, p. 32.

⁴ <http://www.priberam.pt> e <http://www.infopedia.pt>

⁵ Lévi-Strauss, C. (1970). *O pensamento selvagem*. São Paulo, Brasil: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo. p. 299.

⁶ Platão. (2008). *A República* (11ª ed.). (M. H. Pereira, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 169 [424c].

⁷ Armario, D. (2010). *Cretinos com poder*. (M. B. Cruz, Trad.) Lisboa: Babel - Arcádia

⁸ Lipovetsky, G., & Serroy, J. *op. cit.*, p. 209.

⁹ Nietzsche, F. (2004). *A vontade de poder* (Vol. 1). Porto: Res.

¹⁰ Stake, R. E. (Outono de 1994). Composition and Performance. *Bulletin of the Council for Research in Music Education*, 122, pp. 31 - 44.

¹¹ Lipovetsky, G., & Serroy, J. *op. cit.*, p. 224.

Publicado em:

A Aurora do Lima (Viana do Castelo), Ano 155 nº 82, 1-XII-2010, p. 8

PGL (Galiza), 1-XII-2010 (<http://www.pglingua.org/opiniom/3063-cultura>)

As Artes entre as Letras (Porto), nº 41, 29-XII-2010, p. 13 (<http://www.artesentreasletras.com.pt>)

Estudo Geral (Lisboa), 9-II-2011 (<http://luis-eg.blogspot.com/2011/02/cultura.html>)